

LEITURA ORANTE DA PALAVRA DE DEUS

QUARTO DOMINGO DO ADVENTO 2023



UMA IGREJA SINODAL EM MISSÃO



"CANTAREI TUAS MISERICÓRDIAS PARA SEMPRE, SENHOR."



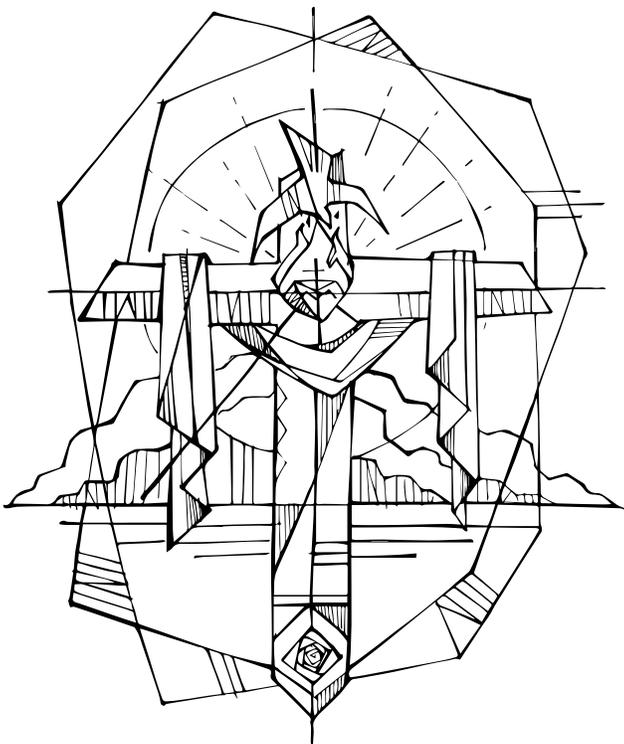
Neste quarto domingo do Advento estamos a atingir os momentos culminantes da nossa preparação através da Palavra de Deus para que o processo sinodal que vivemos se torne uma realidade na nossa vida pessoal e comunitária.

Este material, elaborado por membros da Equipe de Espiritualidade Bíblica do Celam*, nos convida a percorrer as diferentes etapas do método da lectio divina a partir dos salmos da celebração eucarística dominical e das leituras do dia.

No final, algumas passagens do Relatório Síntese da Assembleia nos permite aprofundar a reflexão sobre o nosso estilo de ser Igreja, para nos perguntarmos como podemos crescer na comunhão, na participação e na missão.

1

LEITURA DO TEXTO: O QUE DIZ O TEXTO?



Salmo 89(88), 2-3.4-5.27.29.

Cantarei eternamente as misericórdias do Senhor,
Anunciarei sua fidelidade em todos os tempos.
Pois eu disse: Tua misericórdia é um edifício eterno,
Mais do que o céu você fortaleceu sua fidelidade.

«Selei uma aliança com o meu escolhido,
jurando a Davi, meu servo:
"Estabelecerei uma linhagem perpétua para você,
Construirei o seu trono para todos os tempos."»

Ele me chamará: "Você é meu pai,
meu Deus, minha rocha salvadora.
Manterei meu favor para sempre,
e minha aliança com ele será estável.

1.1 A Meditação do Salmo 88

Com o Salmo 88 entramos em procissão triunfante e litúrgica neste quarto Domingo do Advento, acompanhados de trombetas, harpas e cítaras que, fazendo eco de um abto duríssimo de Deus, o orante, reconhecendo esta história única e inédita de Salvação, atrainos intimamente, como um ímã, para cantar eternamente a uma só voz as misericórdias do Senhor. Hoje somos convidados a cantar e reconhecer a misericórdia do Senhor para com todos.

Neste Salmo, Deus aparece reconhecido em todos os nomes mais eloquentes e sugestivos que o homem lhe pode oferecer. Entrando na sua presença

divina através da adoração, cantamos em voz alta os seus reconhecimentos e definições absolutas sem paralelos possíveis na Terra, a saber: “A tua misericórdia é uma construção eterna”; “Tu és meu Pai”, “Tu és meu Deus”, “Tu és minha Rocha salvadora”.

Deste pórtico literário entramos para celebrar a Boa Nova da Salvação que se atualiza na Eucaristia, e que se adorna e exalta com o conjunto da Palavra de Deus que a Igreja nos dá para este domingo.

1.2 À luz do Salmo 88 lemos e compreendemos a Primeira Leitura

(2Sm 7, 1-5. 8b-12. 14a. 16)

O início deste texto de 2 Samuel 7 que hoje partilhamos, e que diz: “quando o rei David se instalou no seu palácio, e o Senhor lhe deu paz...”, está a dizer-nos que um novo começo na lista de elos da história da Salvação já se cumpriu. Agora, como “manifesto” do messianismo régio, o texto abre-se para outro novo elo: a expectativa e o cumprimento da promessa feita por Deus de um descendente Messias-Davídico para os tempos da salvação definitiva. O texto, como um bom pedaço de pano que se tece, entrelaça todos os fios através do termo “casa” que se repete diversas vezes, indicando que é o fio condutor da mensagem. Primeiro é Davi quem vive em segurança e se estabelece em sua casa (v.1), depois é o mesmo rei que deseja construir uma casa para o Senhor (vv.2-5), depois Deus promete uma casa a Davi (v.11) , isto é, um reino descendente e estável.

O profeta Natã parece inicialmente elogiar o projeto de Davi, mas depois questiona o seu projeto, porque em vez do sonho de Davi, o “sonho” de Deus se tornará realidade: “o Senhor fará para você uma casa” (literal v.11). Deus será aquele que dará descendência e estabilidade a Davi.

Como toda vida humana, Davi é pontuada por situações complexas que transitam entre a generosidade e a rivalidade profunda, tensões e aventuras de todo tipo, o texto de hoje alerta que a Palavra de Deus é aquela que, durando para sempre, garante que a estabilidade de cada casa só vem Dele e de mais ninguém. Será Davi quem entrará no projeto de Deus e não o contrário. A fidelidade de Deus transcende a pessoa do próprio rei. Ele olha com o coração de um pai pastor para o bem do seu povo: “Darei um lugar a Israel, meu povo, para que habite na sua casa e os malfeitores não o oprimam como antes” (v. 10).

1.3 A segunda leitura (Rm 16, 25-27)

O Advento só pode ser vivido ao ritmo da Palavra de Deus, afirmação tal que na mensagem de São Paulo desta leitura que proclamamos, extraída do final da carta aos Romanos, ele nos dá razão. E, através deste hino de louvor, o apóstolo permite-nos atender a três ideias fundamentais do seu pensamento revelado: Deus, o mistério e o anúncio.

Deus: tal como diz o Salmo que nos acompanha neste domingo (Salmo 88), é para Ele que se dirige a nossa atenção. ção no Advento e o nosso louvor, pois o cumprimento da promessa esperada só se dá graças à sua estabilidade e fidelidade: “aquele que é capaz de nos fortalecer” (v.25) é o único “sábio” (v.27), origem e fim de toda busca, projeto e realização humana.

O mistério: termo que para Paulo designa o plano de Deus e que foi mantido em “segredo”. Bela recorrência na leitura, porque se refere ou gira em torno daquele que vai ser revelado: Jesus. Ressaltando que o tempo que o precede pode ser considerado um tempo de preparação, de “silêncio” de Deus, não porque ele decidiu calar-se, mas porque sua fala ainda não havia se manifestado na Palavra eterna do Filho. Portanto, neste “agora” do tempo presente somos privilegiados, porque é o tempo da “revelação” (v.25).

O terceiro tema fundamental é o do anúncio do Evangelho, que, sendo aberto pela graça a todas as nações, não pode permanecer oculto; é uma verdade já revelada que deve vir como uma luz que penetra todas as trevas. Esta é a tarefa que nos distingue no presente e marca o ritmo do Advento do Natal.



1.4. O Evangelho segundo São Lucas (1, 26-38)

A repreensão de Deus a David (“mas és tu quem me vais construir uma casa?”) encontra a sua contrapartida na atitude de Maria. O sim da Virgem a Deus não diz: “Farei o que Deus quiser”. Completamente despossuída de si mesma, ela responde: “faça-se comigo o que Deus quer”.

O evangelho culminante de toda esta proclamação da Palavra de Deus poderia muito bem ser intitulado: “em busca do verdadeiro templo (casa)”. Está implícita a referência às palavras de Natã (2Sm 7, 1-5.8-12.14.16) no retrato que Lucas nos oferece de Maria, a mãe do Messias. Ela, de fato, aparece simbolicamente como a nova Sião, a cidade que abrigava o Templo. Mas nele a presença divina é plena e definitiva. Ela é a “cheia de graça” (v.28), como o cristal puro que, ao não colocar nada de si, permite que Deus seja total e exclusivamente transparente.

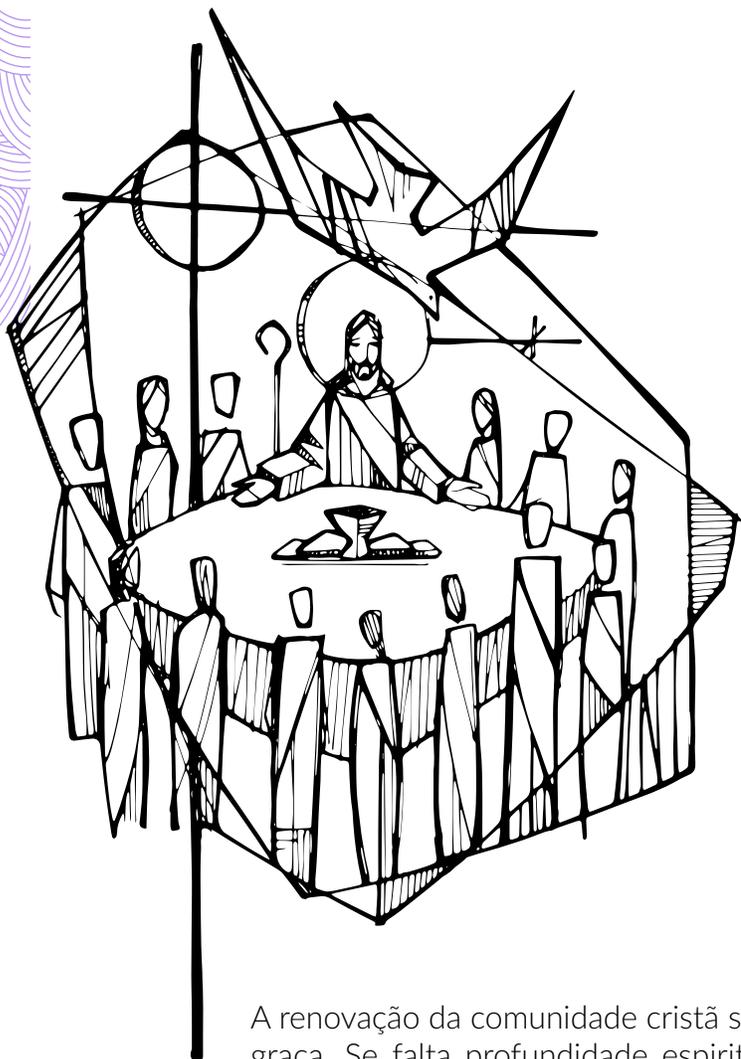
No Monte de Sião, na histórica Jerusalém, erguia-se o sinal vivo da presença de Deus no espaço, o Templo sagrado amado pelos hebreus. Com a encarnação, Maria torna-se a nova Sião, dentro da qual não há um templo de pedra e cedro como era o de Salomão, mas o Templo perfeito da carne de Cristo: “o Verbo se fez carne e fez morada”. (Jo 1:14). No ventre de Maria a presença de Deus é plenamente revelada através do Filho. Por isso, sobre ela se estende a sombra do Altíssimo (cf. Sl 91, 1-2). A proteção amorosa de Deus torna-se agora total, direta, não mais confiada ao sinal da fumaça dos sacrifícios que eram feitos no altar do templo. Em Maria está quem é verdadeiramente refúgio, proteção e força para toda a humanidade.

Na tradição oriental existe um famoso modelo de ícone denominado “a Virgem Hodigitria”, ou seja, “aquela que nos mostra o caminho”. Maria não só nos apresenta o caminho de uma existência pura, totalmente consagrada a Deus, mas também nos mostra a meta final decisiva, a do encontro com o seu Filho, Deus, mas também com o nosso irmão.

* Autor: Padre Tony Salinas Avery (Honduras). Membro da Equipe de Espiritualidade Bíblica do CELAM.

2

PARA APROFUNDAR O RELATÓRIO DE SÍNTESE: ENVIADO PARA ANUNCIAR O AMOR DO SENHOR.



Os sacramentos da iniciação cristã conferem a todos os discípulos de Jesus a responsabilidade pela missão da Igreja. Homens e mulheres leigos, homens e mulheres consagrados e ministros ordenados têm igual dignidade. Receberam diversos carismas e vocações e exercem diferentes papéis e funções, todos chamados e nutridos pelo Espírito Santo para formar um único corpo de Cristo. Todos os discípulos, todos os missionários, na vitalidade fraterna das comunidades locais que vivem a doce e reconfortante alegria de evangelizar. O exercício da corresponsabilidade é essencial para a sinodalidade e é necessário em todos os níveis da Igreja. Cada cristão é uma missão neste mundo (8-b).

A renovação da comunidade cristã só é possível reconhecendo o primado da graça. Se falta profundidade espiritual, a sinodalidade torna-se uma renovação de fachada. O que somos chamados, porém, não é apenas traduzir em processos comunitários uma experiência espiritual amadurecida noutros lugares, mas experimentar profundamente como as relações fraternas são o lugar e a forma de um encontro autêntico com Deus. Neste sentido, a perspectiva sinodal, ao mesmo tempo que se refere ao rico património espiritual da Tradição, contribui para renovar formas: uma oração aberta à participação, um discernimento vivido em conjunto, uma energia missionária que nasce da



partilha e ilumina como o serviço (2-c).

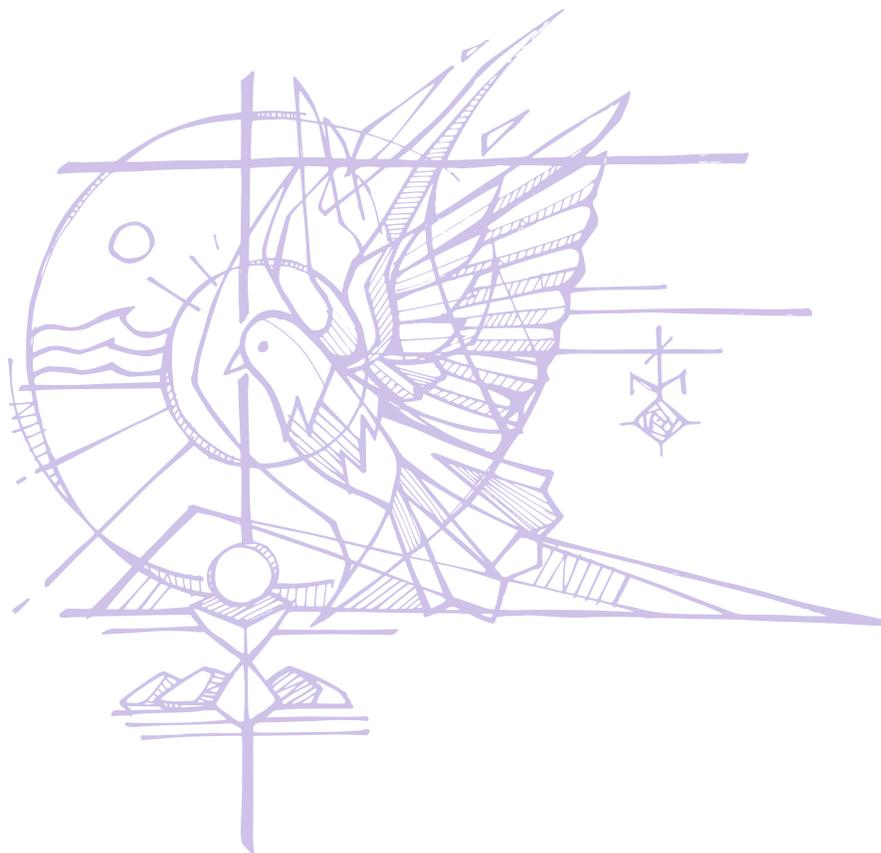
Os missionários deram a vida para levar a Boa Nova ao mundo. Os seus esforços são um testemunho eloquente de e a força do Evangelho. Contudo, são necessárias especial atenção e sensibilidade nos contextos em que “missão” é uma palavra carregada de uma dolorosa herança histórica que, hoje, dificulta a comunhão. Em alguns lugares, o anúncio do Evangelho foi associado à colonização e até ao genocídio. Evangelizar nestes contextos exige reconhecer os erros cometidos, aprender uma nova sensibilidade relativamente a estes problemas e acompanhar uma geração que procura forjar identidades cristãs para além do colonialismo. O respeito e a humildade são atitudes fundamentais para reconhecer que nos completamos e que o encontro com as diferentes culturas enriquece a vivência e o pensamento da fé das comunidades cristãs (5-e).

São necessários novos paradigmas para o compromisso pastoral com as populações indígenas, nos moldes de um caminho conjunto e não de uma ação realizada a eles e para eles. A sua participação nos processos de tomada de decisão a todos os níveis pode contribuir para uma Igreja mais vibrante e missionária (5-n).

A prática da missão ad gentes supõe um enriquecimento recíproco das Igrejas, porque não abrange apenas os missionários, mas toda a comunidade, que é estimulada a rezar, a partilhar os bens e a testemunhar. As Igrejas com um clero pobre também não devem renunciar a este compromisso, enquanto aquelas onde florescem as vocações para o ministério ordenado podem abrir-se à cooperação pastoral, a partir de uma lógica genuinamente evangélica. Todos os missionários – leigos e leigas, consagrados e consagradas, diáconos, sacerdotes, especialmente membros de institutos missionários e missionários fidei donum, pela vocação que lhes é própria, são um importante recurso para criar laços de conhecimento e troca de dons. (8g).

A missão da Igreja é continuamente renovada e alimentada na celebração da Eucaristia, especialmente quando o seu caráter comunitário e missionário é colocado em primeiro plano (8-h).

Devemos também considerar as implicações da nova fronteira missionária digital para a renovação das estruturas paroquiais e diocesanas existentes. Num mundo cada vez mais digital, como evitar ficar prisioneiros da lógica da conservação e, pelo contrário, libertar energia para novas formas de cumprir a missão? (17g).



***Baixe aqui o Relatório Síntese da primeira sessão
da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos
“Uma Igreja sinodal em missão”***

***Visite www.celam.org/celam-camino-sinodo/
para encontrar todas as informações sobre o Sínodo na América Latina e no Caribe***



Consejo Episcopal Latinoamericano y Caribeño - CELAM